

VÁRIA

Grupo sangüíneo e tipo menstrual

(NOTA PRELIMINAR)

Não obstante a chusma de trabalhos a que tem dado margem, a individualidade do sangue envolve, ainda, pesados mistérios. O problema dos grupos sangüíneos, do mais agudo interêsse para os biólogos, os clínicos, os médico-legistas, só muito tarde chamou a atenção dos investigadores portugueses ⁽¹⁾.

Utilizando as mulheres que, todos os dias, passam pelo Dispensário de «Magalhães Lemos», dei-me a procurar as possíveis relações entre os grupos hemáticos e o tipo menstrual. A nota, que hoje divulgo, resume 250 observações pessoais, conduzidas com o maior escrúpulo ⁽²⁾.

Em tôdas as fichas, apontei a côr da pele, dos olhos, dos cabelos, e a estatura. Com a massa de 500 casos, estabelecerei, oportunamente, as correlações entre os grupos sangüíneos e os mencionados caracteres.

Quadro I

GRUPO SANGÜÍNEO E SURTO PUBERAL

Grupos sangüíneos	Número de casos por grupo	Idade em que apareceu a primeira menstruação						
		< 11	11	12	13 a 15	16	17 a 18	> 18
I	22	—	—	—	17	5	—	—
II	119	—	8	18	—	18	15	1
III	9	—	2	1	3	1	2	—
IV	100	—	4	14	45	16	19	2

(1) A. A. MENDES CORRÊA — *Os grupos sanguineos na genética*, in «Anais da Fac. de Sc. do Pôrto», t. XVI, 1931, págs. 195-197.

(2) A amabilidade do Dr. ANTÔNIO FANZERES devo os soros-padrões, de que me servi, para a reacção de BETH-VINCENT.

Quadro II

GRUPO SANGÜÍNEO E DURAÇÃO DAS REGRAS

Grupos sanguíneos	Número de casos por grupo	Duração das regras				
		Número de dias				
		1 a 2	3 a 4	5 a 6	7 a 8	> 8
I	22	—	4	7	10	1
II	119	4	47	32	29	7
III	9	—	6	3	—	—
IV	100	2	44	24	28	2

Quadro III

GRUPO SANGÜÍNEO, QUANTIDADE DAS REGRAS E CICLO MENSTRUAL

Grupos sanguíneos	Número de casos por grupo	Quantidade				Ciclo	
		Pequena	Normal	Grande	Irregular	Regular	Irregular
I	22	5	5	12	—	15	7
II	119	43	31	44	1	93	26
III	9	6	3	—	—	8	1
IV	100	36	24	38	2	75	25

No grupo I (classificação de MOSS), pouco freqüente (8,8 %), a instauração menstrual verifica-se, as mais das vezes, dos 13 para os 15 anos (1); leve tendência para a puberdade tardia; o efluxo sangüíneo, com uma duração média de 5 a 8 dias, impõe-se pela sua abundância; ciclo bastantes vezes irregular.

O grupo II abrange quasi metade das observações (47,6 %). Nêle se registam bastantes casos de puberdade precoce, mas a tendência para a puberdade tardia é mais acentuada; perdas sangüíneas de 3 a 8 dias (3 a 4, na maioria dos casos), puxando, umas vezes, para a fartura, outras vezes, para a escassez; ciclo, as mais das vezes, regular.

O grupo III, muito raro (3,6 %), é ambíguo, no tocante ao estabelecimento das regras (vaga propensão para a puberdade tardia?); efusões sangüíneas reduzidas, em duração e quantidade; ciclo regular.

No grupo IV, muito freqüente (40 %), a puberdade rompe, na maioria dos casos, dos 13 para os 15 anos; indecisão, no que respeita ao volume da onda sangüínea; ciclo, as mais das vezes, regular.

Foi já publicado por G. ABRUZZESE (2) um inquérito dêste género. Os meus resultados não dizem, perfeitamente, com as deduções do A. Desconheço, para mais, a memória original e não sei, mesmo, se êle perfilha a nomenclatura de MOSS ou adopta a classificação de JANSKY.

É cedo, ainda, para tirar qualquer conclusão definitiva das relações entre o grupo sangüíneo e o tipo menstrual.

(Trabalho do Dispensário de "Magalhães Lemos".)

ALBERTO SAAVEDRA.

(1) Vem a propósito recordar o trabalho do Dr. MANOEL J. F. MORATO (*A puberdade na mulher portuguesa, estudo estatístico*, in «A Med. Contemp.», ano XLVIII, 1930, págs. 415-418), que reúne 11.820 casos (C. SACADURA, A. ROSAS & A. SAAVEDRA, MORATO). Não figuram no balanço as observações da Senhora Dr.^a D. PRIMAVERA RODRIGUES (*Perturbações menstruais nas cloróticas*. Dissertação inaugural. Pôrto, 1920).

(2) G. ABRUZZESE — *Rapporti tra menstruazione e gruppo sanguigno dal punto di vista costituzionale*, in «Riv. Ital. di Gin.», vol. v, fasc. 2, Novembro-1926 (análise de M. L. LAVEDAN, in «Gyn. et Obst.», 1929, t. XIX, págs. 137-139).

Gravuras rupestres no Brasil

O eminente académico e escritor brasileiro sr. Gustavo Barroso (João do Norte) teve a bondade de me enviar duas fotografias de inscrições rupestres encontradas por um amigo seu em rochedos da margem do riacho Pirangi, perto de Parnaíba, Estado do Piauí. Reproduzo-as juntamente em similigravura, devendo notar-se que, segundo a carta do meu obsequioso informador, uma das inscrições foi avivada com gesso para a fotografia, ao passo que na outra só foram avivados um rectângulo e duas datas que são evidentemente *graffiti* modernos. Os sinais primitivos desta última estão cercados pelo rectângulo, dêles se podendo fazer apenas uma ideia aproximada, visto que nenhuma descrição me foi fornecida.

O ilustre escritor já por várias vezes se tem ocupado, com judiciosa crítica, de petroglifos brasileiros. Assim, no jornal *A Noite*, do Rio, publicou, em 9 de Outubro de 1915, várias gravuras rupestres que descobriu nas margens do rio Fonseca, afluente do Quixeramobim, afluente do Ceará. Voltou a estampá-las em 1920 na revista «Rio-Paris» e em 1922 na «Ilustração Brasileira», naquela em artigo sob o título *Inscrições indígenas* e nesta sob a epígrafe *Os mahadeus do sertão*. Este último título é também o do extenso e documentado capítulo que no seu notável e recente livro *Aquem da Atlântida* (S. Paulo, 1931) o mesmo autor consagra aos petroglifos americanos e especialmente aos do Brasil, dos quais tratara igualmente numa comunicação ao XX Congresso de Americanistas.

O grande país é rico em documentos de arte rupestre. O sertão de nordeste, sobretudo, abunda em petroglifos, alguns dos quais aparecem revestidos dum induto vermelho. Dêles se ocuparam vários autores, multiplicando-se as explicações propostas para a sua natureza e as opiniões sôbre a sua idade. Crente no simbolismo religioso e na antiguidade remota de muitos dêles e contestando fundadamente os pareceres que os atribuem a registo de marcas de gado pelos vaqueiros modernos ou antes a simples causas naturais, o sr. Gustavo Barroso coloca-se entretanto na atitude prudente dos que entendem ser ainda cedo para explicações definitivas que ultrapassem o desprezencioso arquivo dos factos.

Dêste modo, G. Barroso dá uma ampla série de desenhos de inscrições rupestres brasileiras, muitas das quais desenhadas directamente por êle próprio, ou transmitidas pelos srs. Melquiades Borges e Sílvio Júlio.



Fig. 1



Fig. 2

Gravuras das margens do Pirangi

Fotos oferecidas pelo sr. Gustavo Barroso

Não é fácil uma sistematização de todos esses documentos. Há nítidas figurações humanas ou de animais, sinais fitomórficos, tectiformes, alfabetiformes, há sinais geométricos, representações de pés e das mãos, cruzeiros, linhas onduladas, o pé de galinha, representações prováveis de machados, símbolos solares, etc.

Como já fôra notado por Paul l'Epine e Ladislau Netto para os sinais da cerâmica de Marajó em relação à escrita egípcia e outras, não faltam algumas analogias morfológicas entre as gravuras brasileiras e as do Antigo Continente. Algumas figuras cearenses lembrariam, à primeira vista, as da arte rupestre ibérica, mas há figurações de animais aqui desconhecidos, porventura motivos florais aqui raros, e desenhos extremamente irregulares, labirínticos, indecifráveis. São muitas as diferenças, existe talvez maior heterogeneidade, e será de-certo prematura uma aproximação que não pode filiar-se em elementos tão precários. É admissível uma convergência acidental, sobretudo nos motivos mais simples, e há a considerar também a possibilidade de em certas cópias não ter sido possível a reprodução fiel das insculpturas, mais ou menos deformadas ou delidadas pela acção secular da intempérie.

Nas fotografias que o sr. Gustavo Barroso me enviou, distinguem-se com clareza apenas os sinais que fôram retocados a branco. O primeiro destes à esquerda (fig. 1) parece uma espiral, que mais uma vez se verifica não ser um tipo geométrico privativo da arte rupestre do Antigo Continente. Donnelly registara-a no New Mexico, M. Triana e Lazaro Giron em Venezuela e na Colômbia, etc.

No grupo de sinais situados na mesma figura mais acima e mais à direita, há dois, o segundo e o quarto, talvez zoomórficos, que lembram hieroglifos. Quem nos assegura que o não sejam, e os outros também? Sabe-se lá!...

Na outra fotografia (fig. 2), é presumível que o sinal da esquerda seja cruciforme, estrelado ou tetrascélico; a seguir há uma figura serpentiforme, com a cabeça para a esquerda; logo acima, talvez uma representação da face humana, com ampla cabeleira ou corôa; os restantes sinais não me sugerem interpretações mais seguras. Sem um desenho mais nítido e sem um exame directo, receio que tôdas estas interpretações sejam viciadas pela imaginação...

Nem porisso é destituída de interesse a simples apresentação destes documentos fotográficos que devo à amabilidade do sr. Gustavo Barroso.

*
* *
*

Ao nosso consócio, o ilustre eugenista dr. Renato Kehl, devo também o envio obsequioso dum artigo ilustrado da «Revista da Semana», do Rio de Janeiro, de 30 de Abril findo, em que se anuncia, com um fac-simile da respectiva capa, a próxima aparição dum livro do sr. Bernardo A. da Silva Ramos, arqueólogo brasileiro, sob o título de *Inscrições e tradições da América prehistórica especialmente do Brasil*. O artigo da «Revista da Semana» dá conta sobretudo da decifração proposta pelo sr. Silva Ramos para a inscrição da Pedra da Gavea, à qual precisamente o sr. Gustavo Barroso se referia nestes termos no seu livro *Aquem da Atlântida*: «A famosa inscrição gigante da Gavea também é por muitos atribuída a efeitos naturais, erosões, infiltrações, decomposições da rocha, etc., mas, quanto a esta nada podemos dizer, porque nos falta o conhecimento do que está gravado, o que nos sobra quanto à outra» (a de S. Tomé das Letras, em Minas, que Barroso considera de origem intencional e não natural).

Para o sr. Silva Ramos, a inscrição da Gavea é fenícia. Estaria ali em caracteres fenícios: LAABHTEJ BAR RIZDAB NAISINEOF RUZT, o que, lido da direita para a esquerda, significaria *Tyro (Tzur ou Tsur) fenícia, Badezir primogénito de Jethbaal*.

Examinei com atenção as duas reproduções antigas (de há mais de cinquenta anos) da famosa inscrição, que acompanham o artigo. Não há conformidade plena entre as duas; a mais recente é a que mais se aproxima da reprodução dada pelo sr. Silva Ramos (fig. 3). Impressiona, na verdade, a possibilidade de obter qualquer coisa com sentido adoptando a leitura como se se tratasse de caracteres fenícios. Mas nem porisso nos devemos deixar entusiasmar por essa coincidência.

Em primeiro lugar, o simples exame das reproduções, sobretudo da segunda, mostra que, como se diz no próprio artigo, a acção destruidora do tempo desfigurou alguns caracteres. Em segundo lugar, só a publicação do livro anunciado nos poderá elucidar sobre os termos de confronto em que se baseou o autor para a leitura de cada sinal. Comparando estes com os do quadro dos alfabetos fenícios dado na fig. 127 por G. Contenau em *La Civilisation Phénicienne* (Paris, 1926), há aproximações fáceis como a estabelecida com o *tao* da direita, mas há outras dificilmente adoptáveis como a do simples traço vertical seguinte com o z

(*sajin*) ou a do 4.º sinal a contar da direita com outro *r* que não seja o hebreu. Os *aleph* finais não são também facilmente identificáveis, etc. Mas é assunto em que me não atrevo a emitir uma opinião.

Devo, porém, ainda acrescentar que, segundo o mesmo Contenau, o período da história fenícia consecutivo à morte de Jtabaal ou Jethbaal é mal conhecido, em parte legendário, e cheio de perturbações. Haverá qualquer outro facto ou texto que possa servir de confirmação a uma viagem do referido Badezir ou Baalazar, ou dos seus homens, até às costas do Brasil? Segundo a interpretação do sr. Ramos, a inscrição teria sido executada

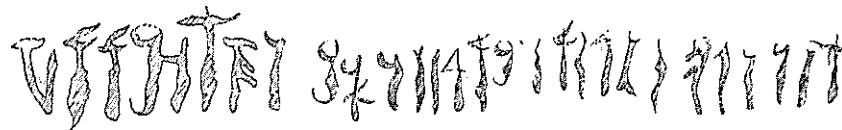


Fig. 3—Inscrição de Gavea, segundo Silva Ramos

aproximadamente pelos anos 887-856 antes da nossa era, ou seja durante o reinado de Jtabaal, o rei sacerdote que, fazendo casar sua filha lézabel com o rei de Achale, de Israel, iniciou assim na Palestina a introdução dos cultos fenícios, que só cessariam ali com a revolta instigada pelos profetas hebreus.

A possibilidade de relações muito antigas entre o Mediterrâneo e a América é modernamente estudada, com uma reserva prudente, por W. H. Holmes (*Handbook of aboriginal american antiquities*, Washington, 1919), J. Imbelloni (*La Esfinge indiana*, Buenos-Aires, 1926) e outros autores. Não podem de-certo dar-se como averiguadas, mormente em detalhe, essas relações, mas é de reconhecer a sua grande probabilidade.

Será a inscrição da Gavea, como afirma o sr. Silva Ramos, uma prova da passagem dos Fenícios pelo Brasil? Aguardemos a publicação do seu livro para responder seguramente—se fôr possível.

MENDES CORRÊA.

Migraciones prehistóricas en la Península Ibérica ⁽¹⁾

La Península Ibérica, en los tiempos históricos, ha sido teatro de repetidos y persistentes choques entre invasores europeos y norteafricanos. En la antigüedad, fueron los cartagineses y los romanos; en la Edad Media, los visigodos y los bereberes, ya más o menos apoyados por elementos indígenas o extraños, ya incluso íntimamente fundidos con ellos. Estos pueblos invasores han dejado visibles en el suelo ibero las líneas, siempre variables y más o menos confusas, que marcaron los sucesivos contactos entre los elementos exclusivamente europeos y los que poblaban algunas regiones de Europa meridional y del borde norte del Continente africano, entre los cuales, por lo demás, existían también elementos blancos.

Desde hace mucho tiempo se ha reconocido que estos choques ocurridos en época histórica, han tenido sus precursores, mucho antes, en los tiempos prehistóricos, que se manifiestan en numerosos datos arqueológicos y antropológicos.

Aun cuando el puente de Gibraltar estaba roto ya desde el plioceno y los recursos materiales del hombre prehistórico no le permitieron hasta un tiempo relativamente tarde cruzar el mar con masas considerables de individuos, se ha comprobado la existencia de relaciones entre las civilizaciones del paleolítico inferior de la Península Ibérica, de una parte, y del Norte de África, de otra. En el paleolítico superior se pueden determinar bien, en el suelo ibérico, las áreas de las civilizaciones europeas y eurafricanas: en este tiempo, el norte de la Península está, en arte e industria, muy relacionado con Francia; mientras que el sur pertenece a la llamada civilización del capsense, del Norte de África, y se puede admitir que al final del paleolítico y en el mesolítico tuvieron lugar realmente extensas invasiones de gente del capsense en Europa occidental, que utilizaron como puente la Península Ibérica ⁽²⁾.

Estas conclusiones se fundaban sólo en datos arqueológicos y en el estudio de condiciones geográficas; pero creo haber encontrado también pruebas antropológicas. Hay que tener presente que el arqueólogo, completamente aislado, no consigue comprobar

(1) «Investigacion y Progreso», n.º 2, ano VI, Madrid, 1932. O texto em alemão saiu na revista «Forschungen und Fortschritte», n.º 24, ano VII, Berlin, 1931. É um resumo de parte duma conferência na Harnack-Haus, de Berlim, em Maio de 1931.

(2) Véase H. Obermaier, *El hombre fósil*, cap. VI. Madrid, 1925.

migraciones de pueblos prehistóricos, porque elementos de civilización pueden transmitirse lo mismo por migraciones que por la simple intromisión de elementos antropológicos o por la difusión de modelos, sin que ocurra un verdadero cambio de lugar de los pueblos. El estudio comparativo de los tipos humanos es indispensable para tener seguridad de las migraciones; pero por desgracia, los testimonios consistentes en huesos humanos son, generalmente, insuficientes o incluso faltan por completo.

Por lo que se refiere a los portadores de la civilización capsense en la Península Ibérica, por el momento sólo podemos intentar reconstruir su antropología por los huesos de Muge (Portugal). Estas estaciones, en las que he emprendido nuevas excavaciones, proporcionan una industria de utensilios que pertenece ya a la época epipaleolítica, pero que representa una prolongación de la cultura capsense. El estudio de los huesos allí encontrados hace ya tiempo, me permitió establecer que el tipo saliente, en los representantes inmediatos de los capsenses — a los que he bautizado con el nombre de *Homo afer taganus* — es distinto de los otros tipos conocidos del paleolítico y del neolítico. Por la forma de su cara (mesoplatirrinia y frecuentemente mesoprognaia), por las proporciones de sus miembros, etc., presenta elementos de afinidad con un conjunto de razas de origen probablemente ecuatorial, al que se pueden agregar otros tipos prehistóricos como el protoetíopico *Homo aurignacensis*, los negroides de Grimaldi, etc. El *Homo taganus* no es realmente protoetíopico, negroide, australoide ni pigmeoide, sino tiene puntos de contacto con estos elementos, y de ningún modo es caucásico. El intento de relacionar el dolicocefalo de Muge con el tipo de Cro-Magnon, que ha sido repetido recientemente por Vallois, no es admisible; porque el tipo alto de Cro-Magnon tiene nariz estrecha, cráneo voluminoso, cara muy ancha y otras peculiaridades muy características que no se encuentran en el *Homo taganus*. Un estudio, aunque breve, de los cráneos mesolíticos de Ofnet (Baviera), en el Instituto Antropológico de Munich, me ha permitido llegar a la conclusión, con carácter general, de que este tipo es también diferente del tipo predominante en Muge, que es aproximadamente coetáneo y pertenece a una civilización semejante.

El parentesco del *Homo taganus* con el conjunto de razas ecuatoriales antes mencionado, ofrece un llamativo paralelismo antropológico con las observaciones arqueológicas referentes al origen norteafricano de la civilización capsense en la Península Ibérica.

Seguramente elementos antropológicos del tipo caucásico o europeo han sobrevivido a estas invasiones en la Península y en

outras partes de Europa occidental. Los representantes del asturiense, cuyos instrumentos de piedra se han descubierto en las costas del Norte de España y de Portugal, fueron quizá representantes de estos tipos en el mesolítico y preneolítico. Las oleadas de ambos grupos antropológicos han avanzado y retrocedido muchas veces y se han fundido también en este crisol humano en el que se han originado las modernas razas de Europa.

Nuevas migraciones europeas y africanas entraron en la Península durante el neoneolítico (Edad de Piedra y Cobre) y en las épocas siguientes. He encontrado incluso influjos de elementos africanos en el material antropológico de una necrópolis de la Edad de Hierro en Portugal; la de Alcacer da Sal, donde excavó Vergilio Correia y comprobó numerosas importaciones de civilizaciones mediterráneas.

Debemos, sin embargo, guardarnos de considerar la Península Ibérica como exclusivamente dependiente de las grandes civilizaciones del Mediterráneo. En el Oeste, y sobre todo en el Noroeste, se puede ver por documentos indiscutibles un foco independiente de civilización durante el neoneolítico y la Edad del Bronce, que se ha desarrollado independientemente de las civilizaciones del Mediterráneo y del Oriente, y pertenece, por el contrario, al dominio de la civilización atlántica que comprendía también la Bretaña, Irlanda y quizá otras regiones de Occidente. Cuando los cartagineses y los romanos llegaron al Oeste de la Península Ibérica, encontraron allí solamente poblaciones retrasadas, cuya civilización era pobre y decadente, que no podían dar a los recién llegados ni la menor idea del esplendor ni de la fuerza creadora y expansiva de las civilizaciones anteriores de aquel país.

A. A. MENDES CORRÊA.

Porque os povos civilizados degeneram?

—Os povos de educação europeia estão em franca decadência física e psíquica por ter sido contrariada a Seleccção Natural sem que, em seu lugar, fôsse empregado outro recurso que a substituisse compensadamente.

«A causa verdadeira da decadência dos povos reside sempre em última análise na falta da seleccção natural. Esta desloca tôdas as outras causas para planos secundários». —Prof. H. W. Siemens, da Universidade de München.

«As penitenciárias, os hospícios, os asilos superlotam-se. Os mediocres avolumam-se... A percentagem dos tipos superiores restringe-se, quasi se apaga. E há quem ainda espere a salvação do género humano apelando para o céu e para o mestre-escola!...» —Renato Kehl.

Crimes: As estatísticas demonstram que os crimes teem crescido em maiores proporções do que o aumento da população. —Prof. Rodrigues Dória.

São de poucos dias as palavras de Hoover sôbre os crimes de morte e as violações da lei no país que se acha colocado no primeiro plano entre os mais adiantados do globo. Contraste chocante: ao lado da civilização requintada, uma criminalidade exagerada. Diz Hoover que «a vida e a propriedade são relativamente mais inseguras nos Estados Unidos da América do Norte do que em qualquer outro país civilizado do mundo».

Esta precariedade corre por conta de várias causas de degeneração, que teem resistido aos esforços educativos e legais. Naquele país a imigração intensa e heterogénea, a luta de competição, o urbanismo, o industrialismo e hipertrofia súbita e desordenada da economia nacional, determinaram fenómenos terríveis de desequilíbrio mental e moral. Segundo Hoover, «nos Estados Unidos mata-se todos os anos um número de pessoas vinte vezes maior que o dos que morrem por meios violentos na Grã-Bretanha, tendo em conta a densidade da população. Em relação à população, cometem-se cinquenta vezes mais roubos e se levam a cabo três vezes mais assaltos de domicílio com roubo do que naquele país da Europa».

Degeneração: Do mesmo modo que os americanos, os ingleses se acham atemorizados pela multiplicação geométrica dos degenerados e diminuição do *stock* de equilibrados. Segundo Pearson, a maior autoridade nestas questões e um dos fundadores do Laboratório de Eugenia de Londres, a classe letrada do país apresenta 1,6 de crianças para cada casal, ao passo que as classes mentalmente desfavorecidas apresentam 6,6 e os criminosos 7 filhos.

Na Alemanha, pela palavra veemente de Hans Krauss, em consequência do desfalque racial causado pela guerra, que roubou dois milhões de homens válidos, decresceu fortemente o número de indivíduos normais e produtivos. Segundo este autor, existem neste país... 30:000 alienados e 300:000 débéis mentais mentais casados. Aponta os perigos resultantes do desparalelismo entre a procriação hígida e a procriação blastofórica e degenerada, em crescente alarmante.

Defeitos físicos: Não é só no Brasil que a cacoplastia aumenta.

Um documento do Departamento Nacional do Trabalho de Washington sobre a infância de New-York e da California, compreendendo as crianças americanas de um mês a seis anos, excluídas as patentemente doentes, demonstra que, ainda assim, dentre 57:977 crianças, 17:875 apresentavam defeitos e morbidades várias: raquitismo, má nutrição, anomalia cardíaca, cárie dentária, hipertrofia das amígdalas e adenoides. Na Inglaterra, o Departamento Nacional de Recrutamento, durante a conflagração, reconheceu que sobre 2.500:000 homens de 18 a 42 anos, só 900:000 estavam fisicamente aptos para o serviço militar activo. Apenas 36 % apresentavam relativo estado de higidez.

Desordens mentais: Perante a Associação Americana de Psiquiatria, falou recentemente o dr. Walter M. English, de Brockville, Ontario, provando com estatísticas que há nos Estados Unidos, 1 milhão e 800 mil deficientes mentais, com o nível intelectual máximo do das crianças de 9 anos. Em consequência, pediu o dr. English que fôsse aprovada uma indicação sugerindo a esterilização dessas pessoas, como recurso para diminuir a percentagem de deficientes mentais naquele país, pois, segundo declarou, tal proporção vai, ali como nos outros países civilizados, crescendo de maneira alarmante.

Daquele total de 1 milhão e 800 mil deficientes mentais, 600 mil tem nível intelectual inferior a 7 anos, e esses, segundo o autor, «devem ser constantemente fiscalizados durante toda a vida. A maior parte desses casos, prossegue êle, tem uma causa comum: a hereditariedade».

(Da «Educação Eugénica»).

RENATO KEHL.

Iconografia etnográfica da viagem do dr. Rodrigues Ferreira ⁽¹⁾

A expedição dirigida pelo ilustre naturalista e viajante, dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, o qual, tendo nascido na Baía, era oriundo de família portuguesa e, portanto, como português legítimo e excelente patriota se distinguiu, não está ainda conhecida, em todos os seus curiosos e instrutivos pormenores, ainda que as

(1) Com 16 documentos estampados a cores (Museu de Antropologia).

referências biográficas, particularmente as de Costa e Sá, de Barbosa du Bocage e de Carlos França ⁽¹⁾, dessa viagem científica ponham em grosso relêvo os resultados.

A publicação do dr. Emílio Gœldi, fundador e director do Museu Paraense, que ostenta hoje o nome dêste sábio ⁽²⁾ dá sumariamente conta dos itinerários e episódios, dos passos difíceis, dos perigos e trabalhos do esforçado explorador e de seus intrépidos e dedicados colaboradores, mas não pormenorisa alguns dos principais êxitos e descobertas de expedicionários, nem salienta o valor da sua acção e da sua obra colonizadora.

Boa parte da obra do consciencioso naturalista é desconhecida e conserva o estímulo dos inéditos para a curiosidade dos investigadores e memorialistas. Se, como disse Varnhagen (Pôrto Seguro) ⁽³⁾, os resultados da campanha ingente do dr. Rodrigues Ferreira tivessem sido publicados em tempo próprio, a Europa houvera conhecido, trinta anos antes, pelos trabalhos dêle e dos seus desenhadores, muitos factos de que só teve notícia pelos escritores estrangeiros, «que algumas vezes apenas transmitiram observações que os nossos haviam feito, deixando os seus escritos no pó dos arquivos».

Efectivamente ao estudarmos duas das colecções penosamente ajuntadas pelo sábio português para o Museu Real da Ajuda e que hoje fazem parte das velhas riquezas do Museu Bocage, de Lisboa; as Tartarugas e os Emydosaurios da exploração do Norte do Brasil (1783-1793), tivemos ocasião de verificar que algumas espécies tinham sido estudadas e determinadas pelo dr. Alexandre, vinte e cinco, trinta, quarenta anos antes de darem entrada oficialmente na ciência pelos repositórios impressos e com as signas de Spix, Wagler, Gray, Schweigger e outros.

Os resultados da *Viagem Filosófica* do dr. A. Roiz Ferreira, a qual assim foi denominada oficialmente no seu tempo, constam de 230 memórias, 8 mapas geográficos, 12 lâminas gravadas e 2 volumes in-4.º gr. de desenhos e aguarelas executados pelos desenhadores, aquarelistas do Museu da Ajuda, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, discípulos do Mestre João de Fi-

(1) J. M. da Costa e Sá, *Mem. Acad. R. das C. Lisboa*, v, part. II, 1918; Barbosa du Bocage, *Instruções práticas sobre o modo de coligir*, etc. Lisboa, 1862; C. França, *Doutor Alex. Rodrigues Ferreira* (História de uma Missão Científica ao Brasil no século XVIII) in «*Bol. Soc. Broteriana*», vol. 1, 2.ª sér. Coimbra, 1922.

(2) Dr. E. A. Gœldi, *Algumas notícias sobre a vida de Alexandre Rodrigues Ferreira* in «*Rev. da Soc. de estudos paraenses*», 1, fas. III, Belem, 1894.

(3) Varnhagen (Pôrto Seguro), *História geral do Brasil*.

gueiredo, que ao tempo regia a Escola de Artes do Desenho no referido Museu da Ajuda e na qual se sucederam vários artistas notáveis. Aqueles acima nomeados acompanharam ao Brasil o dr. Alexandre e ali *de visu*, sob a sua direcção, reproduziram os objectos mais notáveis pela sua forma e raridade. Artistas modestos e dedicados, conscienciosos e probos, recebiam pelo seu trabalho, mais como aprendizes, do que como artistas executantes, exígua paga, a que se acomodavam estoicamente as suas necessidades.

O *Gabinete da Ajuda*, primeiro núcleo do Museu de História Natural, fôra instituído pelo Marquês de Pombal, para instrução dos príncipes reais, mas tornára-se de-prêssa o receptáculo dos produtos coloniais que advinham das possessões ultramarinas, particularmente da prometedor e extensa colónia do Brasil.

Um ministro inteligente, Martinho de Melo e Castro, convencido da importância do reconhecimento das riquezas naturais dêsse longínquo e soberbo país, resolveu mandar proceder à exploração metódica e regular dêsse vasto domínio da corôa e, por intermédio da Congregação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, nomeou o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1778), para o encarregar da espinhosa missão, sabendo que nêle concorriam as qualidades pessoais e o saber e probidade, que fariam dêle o chefe incomparável da Missão.

*

* *

Foi esta a primeira expedição, oficialmente comandada e cientificamente dirigida, com o propósito de devassar as produções da Natureza que houvessem de ser aproveitadas nas dilatadas conquistas portuguesas de além-mar. Quási na mesma época foram promovidas outras explorações na África: A de J. da Silva Feijó, em Cabo Verde, e a de Galvão da Silva em Moçambique. Nenhuma delas teve porém a seguí-la o êxito e, ao mesmo tempo, a fatalidade que acompanhou sempre a de Rodrigues Ferreira, a qual pela diversidade de produtos e pela documentação conseguida naquelas longes paragens ⁽¹⁾ pode-se afirmar que marca

(1) A enorme extensão percorrida, nas condições mais difíceis, pelas capitãncias do Pará, Mato Grosso, Cuyabá, internando-se muito pelo alto Amazonas, dirigindo-se pelos rios S. Lourenço e Paraguay, dá ideia assombrosa do trabalho feito dum português emérito, que não obteve ainda dos seus compatriotas, de ambos os lados do Atlântico, a consagração a que tem jus, baseada sobre-

uma era de renascimento cultural e de actividade científica e artística, nos domínios da História Natural.

O explorador partiu de Lisboa, em navio fretado para o transporte da expedição, em 1 de Setembro de 1783 e chegou ao Pará em Outubro seguinte, por onde iniciou os trabalhos de reconhecimento, que compreendia as produções dos *três reinos* e em particular o estudo das populações indígenas dos países que ia atravessando. Foi dêsse estudo etnográfico, que o chefe da Missão encetou com verdadeira intuição, sôbre os núcleos do gentio que constituíam as tribus nômadas, com as quais tratou na dilatada digressão pelo interior dos sertões brasileiros, que o devotado naturalista trouxe o feixe de observações e documentos que ora nos interessam, principalmente dos índios habitantes na vasta região que tem o nome actual de Amazonia. A sua localização, os hábitos primitivos, a indumentária, as armas e acessórios, os ritos, as danças e as relações dumas com as outras, tudo isso o insigne explorador estudou com rara perspicácia e deixou descrito nos seus numerosos papéis e fêz reproduzir hábilmente pelos desenhadores que o acompanharam na tarefa arriscada, e aos quais acima fazemos referência.

*

* *

Esta documentação é relativa à parte etnográfica da viagem filosófica. Nem se pode pensar na visão antropológica, dado que ao tempo da sua efectivação, esta ciência só existia dum modo vago, entre precursores como Peter Camper e Buffon, que na sua presciência lançaram como relâmpagos as suas primeiras luzes.

As observações de Rodrigues Ferreira feitas no contacto com as tribus indígenas têm por isso a originalidade, senão o mérito científico que, mais dum século passado, possuem, no pleno domínio da Antropologia, as investigações do coronel Rondon e do prof. Roquette Pinto, realizadas também sôbre povoações dispersas da Amazônia. As descobertas do expedicionário português, com o documentário de que as dotaram os seus modestos e habíllimos colaboradores, não deixam de ter valor científico, realçado pela excelência da execução artística, como se vê das cópias

tudo no conhecimento preciso da sua obra e das suas virtudes, digno exemplo duma raça valorosa de pioneiros e descobridores, que em muito contribuíram, e nas épocas de maior perigo e obstáculo, para o alargamento da cultura intelectual e do património da Ciência.

litográficas depositadas por nós no Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto e que fizeram objecto da comunicação à Sociedade de Antropologia, na sessão de Junho passado.

Da obra vasta de A. R. Ferreira, mas apenas conhecida de maneira fragmentária, dispersa em Portugal e no Brasil, só uma pequena parte, até hoje, se acha publicada e seria justíssimo, como alvitrou Carlos França (*loc. cit.*), que os dois países se juntassem, amigável e patrióticamente, no cumprimento do dever de dar a público a reconstrução dessa obra, a qual bem merece ser divulgada, agora que se está fazendo, em diversos lugares, a reposição histórica do esforço colonial português e a demonstração do seu alcance prático.

Estes interessantes documentos, sem dúvida feitos do natural, com escrupulosa minúcia e admirável talento de execução, revelam antes de tudo a técnica obediente dos dois artistas que faziam parte da Missão e cujos trabalhos atestam o valor dessa escola régia de naturalistas, em que os portugueses precederam a muitos respeitos os centros mais cultos da Europa.

Na série curta mas expressiva destas aguarelas e guaches de Freire e Codina estão artisticamente representados alguns tipos do gentio, que os expedicionários encontraram junto dos rios que lhes serviram de principais vias de comunicação e de acesso ao interior das regiões. Trata-se de populações que se podem considerar extintas hoje, por não haver delas nem localização, nem notícia, mas cuja existência de primitivos ficou bem assinalada nas notas etnográficas do dr. Alex. Roiz Ferreira e no documentário artístico da Missão.

A vida precária de semelhantes indígenas, sujeita a múltiplas causas de desaparecimento, principalmente em consequência das lutas guerreiras entre as tribus e com os invasores, conduz por espécie de fatalidade ao seu desaparecimento.

As estampas que fazem parte do album da viagem de R. Ferreira, vol. I (*Desenhos dos gentios e animais, etc. . . da Expedição filosófica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*) mostram além das características étnicas, acerca das quais não nos detemos agora, os estigmas, os adornos, os instrumentos musicos e insignias, bem como as armas gentílicas, de caça e pesca e as de arremêso guerreiro, e alguns objectos da ligeira indumentária.

Numa das estampas acham-se perfeitamente desenhadas e coloridas de violentos contrastes as máscaras com que, segundo os usos, celebram os triunfos venatórios e de pesca.

Noutras figuras encontra-se desenhado e pintado o sistema complicado de tatuagens a côres, muito comum nos índios ameri-

canos de diversas regiões. Em uma das aguarelas nota-se a coloração geral vermelha da pele pela aplicação da tinta vegetal do *Urucú*.

Entre outras, merecem notar-se certas deformações propositadas, como as do crânio, género Aztec, no gentio *Cambeba*, das margens do Rio Negro, bem assim as deformações torácicas dos *Mauás*, estigma excepcional que não fôra notado noutras raças indianas, a perfuração do nariz, dos lábios e das orelhas (*Muras*) no intuito ornamental, para a introdução de objectos heterogêneos, penas, ossos, pedaços de madeira, etc.

Quanto a ornatos, nota-se nos desenhos que era em especial nos cabelos, nos braços, nas pernas, que os selvagens retratados dispunham dos enfeites da mais exótica fantasia. Pela mesma iconografia é fácil reconhecer as armas de que usavam. Não é tão fácil, sem cotejar as notas do explorador, fazer a descrição dos diversos instrumentos musicos, que incitavam de-certo as suas danças e acompanhavam as cerimónias.

É difícil interpretar, em poucos dizeres, a complexidade de tais figuras; por isso resumimos esta notícia aos traços leves e superficiais e aos caracteres essenciais que elas apresentam, reservando para outro estudo mais detido as considerações de ordem antropológica e etnológica, que essa iconografia, não isenta de beleza, nos sugere.

BETHENCOURT FERREIRA.

Nótula sôbre o arremêso dos dentes

O arremêso dos dentes de leite, ora para cima do forno ou do telhado, ora ao lume ou à borrarheira, umas vezes atirados francamente, sem quaisquer cuidados ou regras a observar, outras sendo necessário que a operação se faça de costas voltadas, é um costume velho, largamente espalhado de norte a sul do país e também freqüente na maior parte dos povos europeus.

Sébillot (1) dá-nos uma rápida síntese dos vários processos empregados para facilitar a evolução dentária, dizendo:

«Des amulettes, dans lesquelles entrent souvent des dents d'animaux ou d'hommes, des colliers d'objets préhistoriques, de

(1) Paul Sébillot, *Le folk-lore — Littérature orale et Ethnographie traditionnelle*, Paris, 1913, págs. 228-229.

certaines pierres ou de certaines plantes, des sachets, favorisent l'évolution dentaire. On a soin de ne pas jeter les dents de lait, ce qui exposerait l'enfant à divers inconvénients, si elles étaient avalées par des animaux; on les lance dans le feu en prononçant une conjuration, ou on les lance pardessus le toit; en nombre de pays, la dent est mise dans un trou avec une formule votive qui s'adresse par fois au rat ou à la souris qui l'a creusé, et que l'on adjure de donner en échange de jolies petites dents».

A «Revue Anthropologique», órgão do Instituto Internacional de Antropologia, publicou interessantes artigos sobre tão curiosa e generalizada prática infantil, firmados por investigadores estrangeiros como Schillings (1), Saintyves (2), de Vries (3), e pelo nosso consócio e professor da Universidade de Lisboa, dr. Barbosa Sueiro (4).

Últimamente o sr. José de Pinho (5), arqueólogo e etnógrafo de muito merecimento, publicou sobre este mesmo assunto uma curiosa nota, na qual analisa e critica as opiniões dos autores atrás citados, e emite a hipótese de que o velho costume do arremêso dos dentes de leite deve ser uma sobrevivência do culto fálico, culto que, na verdade, transparece por vezes bem claramente em várias práticas, velhos usos e superstições populares (6). Seja qual fôr a opinião que se possa ter sobre a significação do arremêso dos dentes da primeira dentição, diremos que não é gratuita a afirmação do sr. José de Pinho, sendo até muito interessantes as considerações por êle feitas para estabelecer a sua hipótese de mais um vestígio do culto fálico.

(1) André Schillings, *A propos d'une coùtume enfantine*, in «Rev. Anthropol.», xxxix^e année, Paris, 1929, pág. 406.

(2) P. Saintyves, *Le valeur du jet magique comme rite de fécondité*, in id. id., págs. 407-411.

(3) J. de Vries, *Le jet de la dent*, in id. id., xxxix^e année, Paris, 1930, págs. 87-89.

(4) B. Barbosa Sueiro, *A propos du jet de la dent*, in id. id., pág. 400. Este mesmo trabalho vem publicado em português no «Arquivo de Anatomia e Antropologia», Lisboa, 1931, págs. 17-18, com o título *A propósito do arremêso do dente*.

(5) José de Pinho, *A propósito duma velha usança*, in «Pátria» (Revista portuguesa de cultura), vol. 1, Gaia, 1931, págs. 54-56.

(6) José de Pinho, *Algumas sobrevivências do culto fálico em Portugal*. Conferência inédita feita na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sessão científica de 21 de Maio de 1930.

Ainda relacionado com o culto fálico veja-se do mesmo autor, *A propósito duma velha jóia ibérica*, in «Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. V, Pôrto, 1931, págs. 37-59, 4 est. com 46 figs.

Como neste assunto, e de resto em tantos outros, vogamos ainda em maré de hipóteses, e como estas serão tanto mais aceitáveis e consistentes, quanto maior fôr o seu carácter de generalização, daremos com a presente nótula que visa apenas o registo de algumas modalidades da prática em questão, recolhidas no norte de Portugal, uma contribuição para a resolução do problema. Este, embora com um elemento fundamental comum, deve, quanto a nós, mercê de causas e influências várias, ter evoluído neste ou naquele sentido, apresentando-se hoje consoante as regiões, com um aspecto, que pelo menos aparentemente, é bem diverso dum para as outras.

*

* * *

No Minho, Barcelos, a prática do arremêso dos dentes é muito semelhante à publicada e colhida pelo sr. José de Pinho (1) em Amarante, embora com interessantes modalidades.

Assim, a criança a quem cai um dente, de costas voltadas para o forno, atira com o dente para trás dizendo antes: *Dente fora cag. . . . na cova, venha outro p'ra casinha nova.*

O dentinho é arremessado para cima do forno, recomendando-se porém à criança, que, mal o atire, tape os ouvidos para não ouvir o cair daquele ao bater sobre qualquer dos múltiplos objectos que em cima do forno é costume arrumar.

Tenho também registado no meu canhenho folclórico o costume seguido na freguesia de Travanca, do concelho de Amarante. O dente é igualmente atirado pela criança, para trás das costas e para cima do forno, dizendo ela: *Dente fora cag. . . . na cova e m. . . . de cão na buraca.*

Em Matosinhos, arredores do Pôrto, não pude averiguar o sítio para onde o dente é arremessado, mas apenas a fórmula pronunciada, que é esta: *Dente fora cag. . . . na cova, venha outro com a Senhora da Hora.* No Pôrto e em S. Felix da Marinha (Gaia) as crianças do povo usam a mesma fórmula atirando o dente para trás das costas, mas para qualquer lugar.

Em Sinfães, Beira Douro, a criança atira singelamente com o dente para trás das costas depois de dizer: *Dente vão, nasça-me outro são.*

À amabilidade do colega dr. Luís de Pina, cultor apaixonado

(1) José de Pinho, *A propósito duma velha usança*, já citado.

e inteligente do folclore nacional, devo o informe atencioso e amigodas fórmulas que seguem, por êle recolhidas em Guimarães e em Alijó.

Em Guimarães dizem indistintamente: *Dente fora cag..... na cova*, ou mais acceadamente: *Dente fora, outro na cova*. Em Alijó o dizer é mais longo, ei-lo: *Dente fora cag..... na cova, nasça outro, este vai-se embora*.

A recordação da infância, dum amigo, funcionário superior da Universidade do Pôrto, que foi criado nesta cidade, eu devo mais esta fórmula: *Dente dentro dente fora, cag..... na cova*.

Há em tôdas estas fórmulas, ou em quási tôdas, um aspecto coprolálico acentuadamente marcado. É mesmo esta a característica que, depois do arremêso, mais vezes se encontra na prática em questão. Muitas vezes a frase é concreta, isto é, a criança dirige a sua petição a qualquer objecto ou coisa. É o caso, por exemplo, das fórmulas colhidas pelo dr. Barbosa Sueiro (1) em Lisboa e no Alentejo, que são respectivamente: *Telhadinho, telhadão, tomai este dente pôdre e dai-me um são*; e *Moirão, moirão, toma o meu dente pôdre e dá-me um são* (2).

As mais das vezes, porém, a frase é abstrata.

O sítio para onde se atira o dente é, como vimos, variável; umas vezes para cima ou para trás do forno, outras vezes para o telhado ou para a cinza, outras ainda simplesmente para trás das costas sem qualquer preocupação do lugar onde o dente possa cair.

É nossa opinião que, devendo, sem dúvida, ser tomada em linha de conta a natureza do local para onde o dente é atirado, não deve contudo ser inteiramente posta de banda a fórmula ou

(1) Barbosa Sueiro, *A propos du jet de la dent*, já citado.

(2) Jaime Lopes Dias na sua *Etnografia da Beira*, vol. I, Lisboa, 1926, a pág. 159, regista de Vale de Lobo e Idanha-a-Nova o seguinte costume: «Para que os dentes nasçam bem, diz-se ao arrancar algum: «pelheirinha, pelheirão, toma lá este dente pôdre e dá cá um são». E atira-se o dente para a cinza (Vale de Lobo e Idanha-a-Nova)».

Esta «pelheirinha, pelheirão» deve ser corrupção de pilheira que Cândido Figueiredo dá como-lugar, anexo à lareira, no qual se juntam as cinzas.

Quási todos os autores citados se referem ao facto de, em certas regiões da Alemanha, as palavras proferidas serem dirigidas ao rato ou ao morcego. Á amabilidade do colega amigo Ziller Perez, devo a fórmula que se segue, que, segundo me informou, é muito frequente em tôda a Saxónia. *Mausschen: Mausschen ich gebe dir eiuen Beenern und gib mir einen Steernern* que quer dizer, *Ratinho, ratinho dou-te um de osso e dá-me um de pedra*.

De Vries, numa nota do seu trabalho já citado, dá, para Aardenburg, na Holanda, uma fórmula idêntica, em que é invocado um morcêgo.

dizeres que acompanham ou precedem o acto do arremêso. Por isso é que nesta presente nótula pretendemos pôr em realce o carácter coprolálico que tem esta velha costumeira, ao menos no norte do país.

Como carácter fundamental e quási geral aparece o do arremêso para trás das costas. Não pode também deixar de se ligar a êste facto a significação que lhe é própria. É sobejamente conhecida a significação supersticiosa que o povo dá aos diferentes lados, direito, esquerdo, frente ou dianteira e atrás. O lado direito é o lado da fôrça, é o lado bom e forte. O lado esquerdo é o lado mau e fraco. Para diante é o futuro. Para trás o passado. Muitas práticas se fundam e baseiam num arremêso para trás das costas, quando se pretende fazer esquecer qualquer coisa, ou mesmo com outra finalidade.

É interessante, por exemplo, a prática que ouvi referir em Trás-os-Montes (Moncorvo) e que consiste no seguinte: Os rapazes quando vão tomar banho ao rio e, quando despídos e prestes a entrar na água, atiram com pedras para trás das costas para evitar as maleitas.

Em Barrocelas, concelho de Viana do Castelo, findo o banho e mal saiem para a borda, de costas voltadas ao rio arremesam duas pedras por sôbre os ombros, tapando prontamente os ouvidos para não sentirem o bater das pedras na água, e ao mesmo tempo bambolem a cabeça à direita e à esquerda com energia e repetidas vezes. Tudo isto fazem para que lhe saia a água dos ouvidos. Não ligam já qualquer significado ao atirar das pedras, mas fazem-no sempre que tomam banho.

Esta e outras práticas, como a do arremêso dos dentes podem bem chamar-se *costumeiras*, dando a êste termo a significação de superstições que entraram na prática corrente sem que o povo lhes ligue qualquer propriedade supersticiosa, totémica ou doutra natureza. São actos ou práticas que o povo realiza sem discutir ou nelas pensar, mas tão sômente pelo facto de ser costume fazer tal coisa.

Compete aos investigadores ir procurar as origens e consequente significação de tais práticas, tomando em linha de conta o conjunto de tôdas as circunstâncias e não esta ou aquela isoladamente.

Concluiremos esta nótula etnográfica repetindo que se nos afigura que a velha prática do arremêso do dente, nas várias modalidades que registamos, tem um elemento fundamental geral e comum, — o arremêso, as mais das vezes para trás das costas —, embora aqui e ali tenha evoluído neste ou naquele sentido mercê de influências e causas várias, apresentando por vezes aspectos

tão diferentes, que será difícil, não tomando em linha de conta o elemento fundamental e comum a todas elas, estabelecer uma hipótese que possa satisfazer plenamente a todas as modalidades de que tivemos conhecimento.

Universidade do Porto, Agosto de 1932.

SANTOS JÚNIOR.

Museu Antropológico do Porto

O Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto tem continuado a receber numerosas ofertas, de que damos a lista resumida, correspondente ao período de Maio de 1929 (ver «Trabalhos», IV, pág. 179) a Agosto de 1932:

1929 (Conclusão):

Do sr. Alexandre Esteves de Oliveira, dois fragmentos de escórias de fundição de Condeixa-a-Velha.

Do sr. Armando de Moraes Pinto, um machado de pedra polida de Murça.

Do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, dois fragmentos de vasos de vidro e fragmentos de cerâmica, do cemitério luso-romano de Bicas, Vila Nova da Telha; granito de prata, fragmentos de cerâmica indígena, vidrada, «terra sigillata» e vasos de vidro (pesquisas do ofertante); dezassete contas de vidro azul e uma de vidro esverdeado das minas de *Conimbriga*, Condeixa-a-Velha (depósito); uma candeia de Vila do Conde.

Do sr. dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, três peças de cerâmica das olarias do Felgar, Moncorvo; fragmentos de cerâmica castreja da Cigadonha, Carviçais, Moncorvo.

Do sr. prof. Mendes Corrêa, lascas e escopros paleolíticos dos terraços do Manzanares, Madrid (colheita do sr. conde de la Vega del Sella e do ofertante).

Do sr. prof. Castro Portugal, um machado de sílex do Dundo, Lunda, Angola (Missão científica a Angola, 1929).

Do sr. J. M. de Bethencourt Ferreira, cônsul de Portugal em Boston, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, fotografia do rochedo de Dighton.

1930:

Do sr. dr. António Guerra, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, um machado de pedra polida da Quinta de Mendel, Moncorvo.

Do sr. prof. Mendes Corrêa, um machado chato de bronze, com gume curvilíneo, encontrado perto da Casa dos Patudos, Alpiarça, e vasos duma sepultura da idade do ferro, da mesma localidade.

Do sr. Manuel Paciência Gaspar, por intermédio do mesmo professor, vasos de cerâmica pré-histórica e braceletes de bronze, da mesma localidade.

Do sr. Veríssimo Alves Moreira, fragmentos de cerâmica incisa da Penha, Guimarães.

Do professor italiano Rellini, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, amigdalóide chelense da estação de Notarchirico, perto de Venosa, Basilicata, Itália.

Do sr. eng. agr. Leren Antunes, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, depósito de instrumentos paleolíticos dos arredores de Elvas.

Do sr. dr. R. de Serpa Pinto, quartzite lascada de Manhufe, Matozinhos; amostras de cerâmica grega de Ampúrias, fragmentos cerâmicos dos *talayots*, idem de bronze de És Pedregar, La Grotta e Capocorp Vell (Mallorca); instrumentos de sílex de Postazzo e Prado de Los Llaneros (Madrid) — colheitas do ofertante.

Do sr. Francisco Pessanha, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, uma placa de xisto com inscrição em caracteres desconhecidos, do Castro de Lerilla, Ciudad-Rodrigo.

Do sr. C. Blake Whelan, por intermédio do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, depósito de 63 instrumentos de sílex das praias elevadas do condado de Autrim, Irlanda.

Do sr. dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, três brinquedos de cortiça, Foz-Tua; miniatura de um jugo, Moncorvo; machado de pedra polida do dolmen da Conselheira, Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Anciães (exploração do ofertante); fragmentos de cerâmica castreja, «terra sigillata» e dois trituradores manuais do Castro da Junqueira, Moncorvo; fragmentos de cerâmica e carvões de Pala da Moura, Vilarinho da Castanheira, Carrazeda de Anciães; fragmentos de cerâmica eneolítica ornamentada, do Cachão da Rapa, Foz-Tua, Carrazeda de Anciães (exploração do ofertante).

Do sr. P.º José Augusto Tavares, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, uma colher de pastor em chifre; dois pesos

de tear de barro do Noguêdo, Felgar do Cabeço dos Carneiros, Moncorvo; um pêso de tear de xisto com quatro orifícios de suspensão e fragmentos de cerâmica castreja do monte de N. S. do Castelo, Vilarica, Moncorvo; três trituradores manuais do Noguêdo e S. Cristóvão, Cabeça Boa, Moncorvo.

1931:

Do sr. prof. M. Reygasse, colecção de quarenta e nove dispositivos de indústrias pré-históricas, do norte de África.

Do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, machado de anfíbolite (?) polido, de proveniência desconhecida; «tessera» de barro de Guifões; um calhau lascado, encontrado numa escavação no Senhor do Padrão, Tougues, Vila do Conde; sete candeias e candieiros populares de Almeirim, Arronches, Elvas e Santarém; um azeiteiro de Almeirim; quatro ornatos de bronze com que enfeitam as cabeçadas dos machos, comprados em Elvas; duas tijelas de barro vidrado de Redondo, Alentejo, uma com legenda; duas cafeteiras de barro de Redondo; restos ósseos da Gruta de Refugidos, Cada-fais; instrumentos paleolíticos das estações de Alfarofia, Monte Campo, Comenda, Botafogo e Arronches, nas margens do rio Caia; instrumento paleolítico de quartzite de Fiães, Castro Laboreiro.

Do sr. P.^o Manuel José Afonso Baptista, conta de vidro policromo encontrada na ribeira de Valongo, Vila da Ponte, Barroso; um vaso de fabrico manual com aza e bordo partidos; fragmento dum vaso também de fabrico manual com duas saliências mamilares; vários fragmentos dum vaso com ornatos estampados e fragmentos cerâmicos diversos duma cista da Portela do Gorgorão, Vila da Ponte.

Do sr. eng. Dionísio Augusto Cunha, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, uma conta de vidro policromo — «quebranto»; uma conta esférica de vidro opalescente — «leitor»; uma conta globular de vidro — «relicário».

Do sr. P.^o José Brenha, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto, um pequeno machado de fibrolite de Bragado; três contas de colar encontradas numa sepultura em Tourega, perto de Viveiro, Alentejo; uma fivela de bronze luso-romana de Telões, Vila Pouca de Aguiar.

Do sr. dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, cerâmica incisa e um machado de pedra polida do cachão da Rapa (exploração de Setembro de 1931); cerâmica incisa eneolítica da Soutilha, Moiros, Chaves; ponta de seta triangular lâmina de sílex e fragmentos de cerâmica da exploração do dólmen de Zêdes,

Carrazeda de Anciães; machado de pedra polida e um pêso (?) ornamentado do Castelo dos Moiros do Felgar, Moncorvo; fragmentos de cerâmica luso-romana do Castelinho, Cilhades, Felgar, Moncorvo.

Do sr. dr. Henrique de Miranda, por intermédio do sr. prof. dr. Mendes Corrêa, um martelo neolítico de pedra (Maillet à rainure) dos «ateliers» de Murc (Vaucluse, França).

Do sr. prof. J. A. Pires de Lima, uma pedra ornamentada e três fragmentos de mós luso-romanas do monte de S. Miguel-o-Anjo, Santo Tirso.

Do sr. eng. Castro Portugal, três pequenos bronzes romanos de S. Bento, Terras de Bouro.

Dos srs. Francisco Raposo e Hipólito Cabaço, eólitos do Vale dos Lages, Alenquer e do Carregado; dous moldes de machado de pedra polida de Alenquer; amostras da indústria do concheiro do Casal da Prata, Camaroal; peças da estação do Casal do Concelho e do Casal do Rolão, Camaroal; instrumentos de sílex do castro de Ota; dois sílex do Carregado.

Do sr. dr. Artur de Magalhães Basto, cerâmica do Castro de Santa Marta dos Cortiços, Falperra.

Dos srs. Manuel e Sebastião Lages, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, machado de pedra polida da Orca do Vidoinho, Póvoa, Vila Nova de Paiva.

Do sr. P.^o António André de Lima, fragmento de fémur humano da necrópole bárbara de Chão do Grilo, Esmoriz.

Do sr. prof. Reid Moir, permuta com picos ancórensens, por intermédio do sr. dr. R. Serpa Pinto, dez instrumentos pré-históricos de Inglaterra.

Do sr. prof. Peyrony e colheita do sr. prof. Mendes Corrêa, instrumentos do aurinhacense inferior de Laugerie-Haute, França.

1932:

Do sr. dr. Luís de Pina, três peças de cerâmica pré-histórica dos arredores de Varsóvia, Polónia.

Do sr. dr. Abel Tavares, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, 38 postais de tipos e costumes timorenses.

Do sr. eng. Humberto Mendes Corrêa, um fuso de roca com desenhos em palha incrustada e fragmentos de cerâmica do castro de Sendim, Felgueiras.

Do sr. dr. Rui de Serpa Pinto, oito postais de costumes portugueses dos arredores de Lisboa.

Do sr. eng. Dionísio Cunha, um «pondus» de Peravelha, Moimenta da Beira.

Do sr. Francisco de Vasconcelos (Vilarinho de S. Romão e Lages), por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, uma colhér de pastor, de Couto de Arnelas, Barroso.

Do sr. Joaquim Pereira da Silva, dois machados de pedra polida e uma faquinha de sílex de Moselos, concelho da Feira.

Do sr. A. Santos Graça, por intermédio do sr. prof. Mendes Corrêa, fragmentos de cerâmica luso-romana, da Póvoa de Varzim.

Do sr. Armindo de Sousa Carneiro, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, um percutor de quartzite e dois machados de pedra polida da Mámoa dos Arcos, S. Pedro Fins, Maia.
